

## PALAVRAS LEXICAIS NUM DICIONÁRIO DE USOS

Sebastião Expedito IGNÁCIO<sup>1</sup>

- **RESUMO:** Este artigo discute as técnicas utilizadas na organização de verbetes num dicionário de usos. Procura demonstrar que a definição, a taxionomia e a descrição gramatical das palavras lexicais se fazem do ponto de vista semântico-funcional e de acordo com a estrutura argumental das palavras na sua função predicativa.
- **PALAVRAS-CHAVE:** Palavras lexicais; definição lexicográfica; valência; estrutura argumental.

### Preliminares

Tomando-se por base o *Dicionário de usos do português*, aqui referido por DUP, que resultou de um projeto coordenado por Francisco da Silva Borba e desenvolvido pelo Departamento de Linguística da Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, da UNESP, pretende-se apresentar um dos pontos em que esse dicionário se difere dos demais dicionários de língua portuguesa, selecionando-se como exemplos as três classes lexicais: **verbo**, **nome** e **adjetivo**. Essa diferença reside particularmente na indicação de classes e subclasses e na descrição gramatical que se faz por meio de matrizes contendo a descrição da estrutura argumental dos itens lexicais a serem definidos. Diríamos, então,

---

<sup>1</sup> Bolsista do CNPq – Departamento de Linguística – Curso de Pós-Graduação em Letras – UNESP – 14800-420 – Araraquara – SP – Brasil.

que a definição lexicográfica tradicional se completa com a descrição gramatical. Acrescente-se que, em se tratando de um dicionário de usos, todas as acepções são abonadas com exemplos concretos de atividades de fala, extraídos de um *corpus* que representa as várias modalidades de língua escrita no Brasil nos últimos cinquenta anos.

Em princípio, um dicionário de usos se caracteriza por registrar tão-somente os itens lexicais em circulação num determinado momento. Dessa forma, o número de verbetes fica bastante reduzido, em relação aos demais dicionários de língua, uma vez que não se contemplam as palavras caídas em desuso nem tampouco as formas virtuais, ou seja, as previstas pelo sistema mas não realizadas na prática, durante o período de tempo delimitado pelo dicionário. O DUP se distingue ainda por não ser apenas um dicionário de sinônimos ou de meras definições semânticas. Preocupa-se sobretudo com a descrição gramatical e com as subclassificações dos itens registrados. Assim sendo, não se limita ao registro do uso do léxico em si e das várias acepções de um determinado item, mas registra também as construções gramaticais preferidas.

## Definição lexicográfica

Em princípio, o processo metalingüístico que envolve a definição se desenvolve num jogo de equivalências semânticas que se efetua por meio do esquema [A **equivale** a B]. Nesse esquema, A e B se realizam lingüisticamente das seguintes formas: (i) equivalem-se formalmente, numa relação que se poderia denominar propriamente de sinonímica, sendo representados ora por dois itens lexicais simples da mesma classe gramatical (*cachorro = cão; belo = bonito; moer = triturar*), ora por duas expressões sintagmáticas de estruturas semelhantes (*quebrar a cara = sair-se mal*); (ii) A é um item lexical e B uma construção sintática que encerra uma conceituação/definição de A (*tear = máquina destinada a produzir tecidos; reta = linha traçada com régua*). Esse segundo esquema, em que B encerra o que se pode chamar genericamente de **definição discursiva**, é o que se emprega com maior freqüência nos verbetes de um dicionário.

A partir dos vários processos lógico-semânticos e/ou sintáticos, tem-se tentado estabelecer uma tipologia da **definição**. Greimas (1973, p.97-100) distingue três tipos: **lógico**, **discursivo** e **lexicográfico**. A definição **lógica**, fundamentada nos princípios aristotélicos do "*genus proximum et differentia specificam*", estabelece uma identidade entre os

segmentos situados nos dois planos lingüísticos. Assim, no exemplo anteriormente citado (*tear = máquina destinada a produzir tecidos*), o elemento A (*tear*) é definido pelo "gênero próximo" (*máquina*) e pela "diferença específica" (*destinada a produzir tecidos*). Nesse caso, a definição se centra num arquilexema (*máquina*) seguido dos semas específicos que individualizam o termo definido. Pelas semelhanças lingüísticas, ou formais, parece legítimo dizer que a **definição discursiva** engloba a **definição lógica**, sendo esta caracterizada por uma descrição semântica particular, já que define um elemento por meio de outro de "gênero próximo", especificado pelo processo sintático da expansão, segundo a sua "diferença específica". Dessa forma, não só um nome poderá ser "definido logicamente", como também um verbo. Ex.: *mastigar = triturar com os dentes*, onde *triturar* é o "gênero próximo" e *com os dentes*, a "diferença específica".

Se entendermos por **definição lexicográfica** a que se realiza nos dicionários de língua, ela não constitui um tipo específico em oposição às duas anteriores, já que inclui, conforme reconhece Greimas (1973), tanto a **definição lógica** quanto a **definição discursiva**. Assim sendo, entenderemos aqui por **lexicográfica** a definição praticada pelos dicionários em geral, mediante o processo metalingüístico que tem por finalidade indicar o valor semântico externo de um item lexical. No caso específico do dicionário em análise, concebemos a descrição gramatical e a indicação taxionômica, feitas por meio de matrizes, como sendo componentes da **definição lexicográfica**.

Devem ainda ser consideradas as **definições técnicas** e as **enciclopédicas**. As primeiras, próprias dos dicionários especializados, procuram caracterizar o objeto mediante termos específicos das ciências a que se ligam diretamente. Das **definições enciclopédicas** os dicionários de língua dificilmente escapam: envolvem informações históricas, científicas, socioculturais etc., que muitas vezes se tornam inevitáveis dependendo do termo a ser definido. Citem-se os exemplos a seguir, colhidos do *Novo dicionário Aurélio*: **abacate** = *o fruto do abacateiro, grande baga comestível, e cuja polpa encerra 20% a 25% de óleo, usado em perfumaria*; **boi** = *animal mamífero, artiodáctilo, ruminante, da família dos bovídeos, pertencente ao gênero **Bos Linnaeus**. Os chifres são em par, ocios, não ramificados, permanentes. Incluem-se no gênero as raças domésticas, largamente utilizadas pelo homem*. Aqui, dificilmente se poderiam omitir os dados enciclopédicos. O DUP procura privilegiar as informações estritamente lingüísticas, todavia não omite as informações enciclopédicas na medida em que se fazem necessárias. É bom notar

segmentos situados nos dois planos lingüísticos. Assim, no exemplo anteriormente citado (*tear = máquina destinada a produzir tecidos*), o elemento A (*tear*) é definido pelo "gênero próximo" (*máquina*) e pela "diferença específica" (*destinada a produzir tecidos*). Nesse caso, a definição se centra num arquilexema (*máquina*) seguido dos semas específicos que individualizam o termo definido. Pelas semelhanças lingüísticas, ou formais, parece legítimo dizer que a **definição discursiva** engloba a **definição lógica**, sendo esta caracterizada por uma descrição semântica particular, já que define um elemento por meio de outro de "gênero próximo", especificado pelo processo sintático da expansão, segundo a sua "diferença específica". Dessa forma, não só um nome poderá ser "definido logicamente", como também um verbo. Ex.: *mastigar = triturar com os dentes*, onde *triturar* é o "gênero próximo" e *com os dentes*, a "diferença específica".

Se entendermos por **definição lexicográfica** a que se realiza nos dicionários de língua, ela não constitui um tipo específico em oposição às duas anteriores, já que inclui, conforme reconhece Greimas (1973), tanto a **definição lógica** quanto a **definição discursiva**. Assim sendo, entenderemos aqui por **lexicográfica** a definição praticada pelos dicionários em geral, mediante o processo metalingüístico que têm por finalidade indicar o valor semântico externo de um item lexical. No caso específico do dicionário em análise, concebemos a descrição gramatical e a indicação taxionômica, feitas por meio de matrizes, como sendo componentes da **definição lexicográfica**.

Devem ainda ser consideradas as **definições técnicas** e as **enciclopédicas**. As primeiras, próprias dos dicionários especializados, procuram caracterizar o objeto mediante termos específicos das ciências a que se ligam diretamente. Das **definições enciclopédicas** os dicionários de língua dificilmente escapam: envolvem informações históricas, científicas, socioculturais etc., que muitas vezes se tornam inevitáveis dependendo do termo a ser definido. Citem-se os exemplos a seguir, colhidos do *Novo dicionário Aurélio*: **abacate** = o fruto do abacateiro, grande baga comestível, e cuja polpa encerra 20% a 25% de óleo, usado em perfumaria; **boi** = animal mamífero, artiodáctilo, ruminante, da família dos *bovídeos*, pertencente ao gênero **Bos Linnaeus**. Os chifres são em par, ocios, não ramificados, permanentes. Incluem-se no gênero as raças domésticas, largamente utilizadas pelo homem. Aqui, dificilmente se poderiam omitir os dados enciclopédicos. O DUP procura privilegiar as informações estritamente lingüísticas, todavia não omite as informações enciclopédicas na medida em que se fazem necessárias. É bom notar

que o **verbo** raramente se presta à definição enciclopédica. Mesmo quando se etiqueta um determinado uso como **regional, coloquial, gíriático** etc., está-se no âmbito eminentemente lingüístico.

Há casos em que a definição pode recorrer às propriedades físicas e/ou químicas e até às sensações que impressionam os órgãos dos sentidos, incluindo ainda a finalidade a que se presta o objeto definido. Citem-se, por exemplo, as definições de **água, lixa e silvo**: **água** = *óxido de diidrogênio, líquido, incolor, inodoro e insípido, essencial à vida*; **lixa** = *papel ao qual se aglutina substância abrasiva, áspera, usado para polir metais, madeiras etc.*; **silvo** = *som agudo e prolongado*. Note-se que aí se apelou, entre outras coisas, para os cinco sentidos: **visão, olfato, paladar** (em *água*); **tato** (em *lixa*); **audição** (em *silvo*).

Nascimento (1997, p.38), citando Werner, afirma que, "na prática, há uma mescla nos dicionários de dados enciclopédicos, que, visando à descrição de coisas, lançam mão freqüentemente de ilustrações. Quando, no dicionário, não encontramos ilustrações visuais, há com freqüência ilustrações verbais, que são os exemplos, geralmente literários, que abonam as entradas dos verbetes". Com relação a serem os exemplos "geralmente literários", é preciso dizer que um dicionário de usos como o DUP foge a essa regra, pois tem a vantagem de abranger os diversos tipos de textos escritos, bem como os diversos registros lingüísticos.

Retomando as considerações iniciais sobre o processo da definição, podemos dizer que, na definição lexicográfica, se podem estabelecer dois esquemas genéricos para a estrutura das equivalências:

a) uma definição feita "termo a termo", não-discursiva, em que A e B são itens lexicais da mesma classe e que se equivalem sinonimicamente (*cachorro = cão; belo = bonito; moer = triturar*). Incluem-se aqui as lexias complexas (*quebrar a cara = dar-se mal*);

b) uma definição propriamente discursiva em que A é um item lexical e B é uma estrutura sintagmática construída à base de um ou mais predicadores (*mastigar = triturar com os dentes; saciar-se = satisfazer-se das necessidades físicas ou psíquicas de modo exaustivo; automóvel = veículo automotor para transporte de passageiros; estes, geralmente, em número não superior a cinco; escola-modelo = instituição de ensino que serve de parâmetro de excelência*).

## **Taxionomia e descrição gramatical**

O procedimento lexicográfico do dicionário em análise vai além do que afirma Nascimento (1997, p.36), para quem o "lexicógrafo, calcado

no modelo da lógica aristotélica, visa à elaboração de matrizes que descrevam o significado da palavra". No DUP, conforme já referimos, procede-se ainda à indicação das classes e subclasses de cada item lexical e à descrição da estrutura gramatical, esta fundamentada basicamente na teoria da predicação (teoria argumental). Tem-se, assim, como fundamento teórico básico a gramática de valências, desde os primeiros estudos com Tesnière (1959), até os mais recentes com Vilela (1992) e Borba (1996), bem como os estudos sintático-semânticos da estrutura oracional realizados a partir da década de 1970 por Chafe (1979). Assim, além da indicação das classes gramaticais – **verbo** (V), **nome** (N) **adjetivo** (Adj) etc. –, indica-se a estrutura valencial, ou seja, a partir da função predicativa, descrevem-se, por meio de matrizes, a estrutura morfossintática e os valores semânticos dos Argumentos. À semelhança dos demais dicionários, a redação do verbete começa pela indicação da classe ou categoria a que pertence o termo a ser definido, segundo a tradição gramatical. Nessa etapa, o dicionarista se vale de uma definição cujos critérios coube à gramática determinar. Vale-se, por exemplo, para a definição de verbo, do critério funcional, segundo o qual é o verbo a classe gramatical que tem a função **obrigatória** de predicado oracional (Cunha, 1985), e do critério semântico da **significação externa**. Ao registrar, por exemplo, uma mesma raiz lexical como sendo capaz de funcionar como **verbo** e como **nome**, além dos critérios semânticos e funcionais, recorre a critérios distribucionais, morfossintáticos e discursivos, que se atestam por meio da exemplificação. Por exemplo, o item *jantar*, será **verbo** ou **nome**, segundo participe, respectivamente, das estruturas oracionais: (i) *Vamos jantar às 22 horas* ou (ii) *O jantar será servido às 22 horas /Gosto de jantares à luz de vela*. Há que destacar, ainda, a subcategorização que se faz das classes **verbo**, **nome** e **adjetivo**:

VERBOS – são subclassificados em verbos de **ação** (os que expressam um FAZER por parte de um sujeito agente); de **processo** (os que expressam um ACONTECER em relação a um sujeito *afetado*: paciente ou experimentador); de **ação-processo** (os que expressam, ao mesmo tempo, um FAZER por parte de um sujeito agente, causativo ou instrumental, e um ACONTECER em relação a um objeto *afetado*, paciente); de **estado** (os que, tendo um sujeito *inativo* – objetivo, locativo, experimentador – expressam um SER/ESTAR/EXISTIR). Indicam-se, ainda, as diversas funções gramaticais que uma mesma raiz verbal possa exercer, como **auxiliar**, **suporte**, **núcleo de expressão** etc.

NOMES (substantivos) – são subclassificados em **concretos** (os que têm um referente no mundo dos objetos) e **abstratos** (os que, não tendo um referente independente, constituem atos, eventos e estados relacionados a seres, coisas ou estados de coisas). Os nomes abstratos, por funcionarem como núcleos de predicado, são ainda subcategorizados, como os verbos, segundo indiquem **ação**, **processo** ou **estado**.

ADJETIVOS – são subclassificados em **qualificadores** (os que acrescentam um atributo ao nome, ex.: *economia* estável; *políticos* honestos) e **classificadores** (os que enquadram o nome numa determinada subclasse semântica, ex.: *propriedade* rural; *animal* carnívoro).

A descrição gramatical consiste na indicação da estrutura morfosintática e valencial do item lexical na composição da frase. Assim, em relação ao verbo, indicam-se: regência, tipo(s) morfossintático(s) do(s) complemento(s), bem como, quando pertinente, os traços semânticos desses complementos: **animado**, **humano**, **concreto**, **abstrato**, **contável** etc. Com relação aos nomes e adjetivos valenciais, descrevem-se as estruturas morfosintáticas dos eventuais complementos, à semelhança do que se procede em relação aos complementos verbais. Explicitam-se ainda os especificadores, cuja função é a de enquadrar um determinado nome numa subclasse semântica (ex.: *cacho* de banana). Na descrição da estrutura sintática dos adjetivos, indicam-se classe, subclasse e traços semânticos do nome que qualificam/especificam: qualificador/especificador de nome concreto/abstrato, animado, humano, não-animado etc.

Em síntese, pode-se dizer que a descrição da estrutura gramatical de um item lexical se faz em razão da estrutura valencial e se realiza em três níveis: léxico-funcional, sintático e semântico, obedecendo à elaboração do verbete na seguinte ordem: (i) indicação da classe/subclasse gramatical; (ii) classe semântica; (iii) estrutura gramatical; (iv) definição semântica; (v) exemplificação.

## **Exemplos de organização dos verbetes**

Serão exemplificadas a seguir as estruturas que possam ilustrar, pela ordem, as etapas do processo definitório aqui referidas, conservando a disposição gráfica com que o verbete aparece no dicionário, como as formas matriciais, as abreviaturas e a ordem de indicação das subclasse. As siglas que aparecem entre parênteses são abreviaturas con-

vencionais das obras de onde foram retirados os exemplos. Exemplificar-se-ão apenas as principais acepções correspondentes a cada definição matricial indicada entre colchetes.

**PASSAR** V [Ação-processo] [Compl<sub>1</sub>: nome concreto. ± Compl<sub>2</sub>: locativo] 1 fazer atravessar: *O tenente Antônio passou os dois refugiados pela fronteira* (FSP); *Mas nada deixava passar aqueles tijolos* (TE) [Ação] [Compl: locativo ou por + nome] 2 ultrapassar; ir além: *Já passáramos Rio Claro e Campinas* (LM); *Ao passar pelo carro estacionado tem um gesto de entendimento com os ocupantes do automóvel* (TGG) [Compl: de + nome abstrato] 3 exceder: *Na festa tem muita gente que passa dos limites* (FSP) [± Compl locativo] 4 deslocar-se em movimento contínuo; transitar: *Isabella passou-lhe à frente* (ACM); *Um rato passou correndo e entrou debaixo de um caixão* (CAS) [Processo] 5 transcorrer; decorrer: *A manhã passou de forma singular* (ESS) [Compl locativo] 6 ir além de; ultrapassar: *Em quinze minutos de jogo, a bola não passou a intermediária* (FSP) [Estado] [Compl locativo] 7 estar situado em; localizar-se: *A estrada passava, porém, distante da fazenda* (CHA) [Auxiliar] [ @ + infinitivo] 8 indica aspecto inceptivo: *Desde então o assunto passou a me interessar* (SE); *passsei a evitar as saladas nos jantares* (FH) [ @ + nome temporal + a + infinitivo, gerúndio ou nome abstrato] 9 indica aspecto freqüentativo: *passava o tempo todo a mexer nas gavetas* (SMF); *a gente passou três dias cavando, não deu nada* (GE); *Ele passou a vida à procura do sol* (MAN) [Suporte] [ @ + repreensão] 10 repreender: *Passsei-lhe uma repreensão em regra* (CA) [ @ + susto] 11 assustar: *O Armandinho me passou um susto dizendo que você tomou parte numa revolução* (JT) [ @ + vistoria] 12 vistoriar: *eu suspiraria por descer no colégio e passar vistoria nas moças* (CL) [Núcleo de expressão] 13 **passar carão** = sofrer vexame, constrangimento: *Aprenda para não passar carão em Nova York* (FSP); Nm [Abstrato de processo] [Especificador: de + nome] 14 decurso de tempo; duração: *o passar do tempo não apaga o conhecimento dos movimentos do grupo* (SOC) 15 percurso: *apesar da gola do paletó levantada ao pescoço, parecia não sentir o passar do ar frio, e, em seu semblante se refletia indiferença* (PCO).

Observe-se que uma mesma raiz lexical pode exercer uma função diversa da classe a que pertence primitivamente. Nesse caso a classificação far-se-á ainda pela recorrência a critérios distribucionais, morfossintáticos e discursivos, que se atestam por meio da exemplificação, v. g. a raiz *passar*, supracitada: *a manhã passou* (V) VS o **passar do tempo** (N).



**ELEVAÇÃO** *Nf* [Abstrato de ação] [Compl: de + nome] **1** ato de encaminhar para o alto; erguimento: *à hora da elevação da hóstia (...)* o anarquista anônimo subiu ao seu banco (AL) [Abstrato de processo] **2** aumento; crescimento: *É fato comum a elevação da pressão intra-ocular (GLA); A migração rural-urbana contribui para a elevação dos níveis de desemprego (VIS)* [Concreto] **3** proeminência; colina: *numa elevação do terreno, erguia-se a casa (ALE).*

**DIPLOMÁTICO** *Adj* [Classificador de nome não-animado] **1.** relativo à diplomacia: *[Percival Lowell] trocou a carreira diplomática pela astronomia (FSP); Daí também a importância de divulgar, de maneira mais ampla, a documentação diplomática (II-O)* [Classificador de nome humano] **2.** que exerce a profissão de diplomata: *O representante diplomático enviado pela Coroa britânica à Ucrânia era um certo Sir Halford Mackinder (GPO)* [Qualificador de nome humano/abstrato] **3.** polido; educado; cortês: *Marcos só era diplomático quando lhe convinha (ESP); Ele era de uma maciez diplomática, incapaz de uma vilania (S).*

Os exemplos apresentados, embora restritos, mostram claramente os pontos em que o DUP se distingue dos demais dicionários, não só pelas características lexicográficas da montagem dos verbetes, mas também pelas abonações. No entanto, é preciso ressaltar que, ao se pretender registrar as ocorrências reais de **uso** da língua, não quer dizer que se possa definir um termo de modo a exaurir as variações semânticas que ele adquire nos vários contextos de fala, por mais exaustivo que seja o *corpus* com que se trabalha. Isso pelo simples fato de que os itens lexicais são, do ponto de vista funcional, altamente polissêmicos. Fazendo uma analogia com o argumento do filósofo grego Heráclito, que afirma “não ser possível entrar no mesmo rio duas vezes”, podemos dizer que, “num mesmo texto, um item lexical não entra duas vezes com a mesma significação”. Trata-se da propriedade semântica a que Pottier (1978, p.74) chamou de “virtuema”: “É virtual todo elemento que é latente na memória associativa do falante e cuja atualização está ligada aos fatores variáveis das circunstâncias de comunicação”. Todavia, essa plurisssemia não impede que o dicionarista estabeleça determinadas matrizes. Seja, por exemplo, o verbo *participar*, classificado como verbo de **estado**, nas três frases que seguem:

- (1) *Nossas escolas não **participam** da vida, nem preparam para ela.* (PE)
- (2) *Quase todos os oceanos **participam** desse processo.* (FOC)
- (3) *Os músculos **participam** dos movimentos do braço.* (ENF)

Embora, nos três exemplos, o DUP defina a unidade verbal como verbo de **estado**, significando *ser parte integrante de*, evidentemente em cada contexto há um tipo particular de **estado**. No entanto, esse fato não invalida a classificação genérica, uma vez que o dicionarista se valeu de determinadas invariáveis para essa classificação. Em outras palavras, considerou as **semelhanças** e não as **diferenças**, pois estas são infinitas do ponto de vista pragmático. Nos exemplos dados antes a invariabilidade da estrutura sintática não condiciona, evidentemente, a invariabilidade semântica. Todavia, alguns fatores comuns às três frases, tais como a ausência de dinamicidade, portanto caráter **inativo** do sujeito, e o sentido de *fazer parte de um todo* permitem classificá-las como frases **estativas**.

Considere-se ainda que, na definição lexicográfica, não há como fugir ao “grau elevado de abstração”, discutido por Haiakawa (1977), uma vez que se o dicionarista tivesse que descer aos detalhamentos das definições extensionais – por exemplo, se para definir *bolo* tivesse que descrever todo o processo culinário de sua preparação –, não estaria se valendo de uma das mais importantes propriedades da linguagem que é a simbolização. Daí poder valer-se de esquemas linguísticos prototípicos que recobrem outra importante propriedade da linguagem que é a produtividade.

## Conclusão

O procedimento adotado pelo *Dicionário de usos do português* apresenta um grande avanço, seja em relação à técnica lexicográfica, seja em relação à concepção da função gramatical de cada elemento, ampliando-se, assim, o conceito de definição lexicográfica. Desse modo, concebe-se o **verbo**, por exemplo, como o elemento a partir do qual a frase se organiza, definindo-o, pois, não apenas pela significação externa, do ponto de vista lógico-semântico ou nocional, mas sobretudo pela função gramatical e pela sua estrutura argumental. Da mesma forma, o **nome** e o **adjetivo** são concebidos como elementos predicadores que, como constituintes oracionais, podem apresentar também uma estrutura valencial. Outra novidade relevante é a descrição taxionômica, com a indicação das principais subclasses – **ação, processo, ação-processo, estado**, para os **verbos**; **concreto/abstrato**, para os **nomes**; **qualificador/classificador**, para os adjetivos. Em se tratando de

um dicionário de usos, todas as acepções são abonadas com exemplos extraídos do *corpus*, fato que permite ao leitor/consulente constatar, pela realização efetiva da língua, o que se descreve nas definições.

IGNÁCIO, S. E. Lexical words in a usage dictionary. *Alfa (São Paulo)*, v.44, p.17-26, 2000.

- **ABSTRACT:** *This paper discusses the techniques used in the organization of entries in a usage dictionary. The aim is to demonstrate that definition, taxonomy and grammatical description of lexical words are made from the semantic-functional point of view, according to the argumental structure of the words in their predicative function.*
- **KEYWORDS:** *Lexical words; lexicographical definition; valence; argumental structures.*

## Referências bibliográficas

- BORBA, F. da S. *Uma gramática de valências para o português*. São Paulo: Ática, 1996.
- CHAFE, W. L. *Significado e estrutura lingüística*. Trad. de M. H. M. Neves et al. São Paulo: Livros Técnicos e Científicos, 1979 [1970].
- CUNHA, C. F. da, CINTRA, L. F. L. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- GREIMAS, Al. J. *Semântica estrutural*. Trad. de Haquira Osakabe e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1973.
- HAYAKAWA, S. I. *A linguagem no pensamento e na ação*. Trad. de Jane Perticarati. São Paulo: Pioneira, 1977.
- NASCIMENTO, E. M. F. S. *Definição discursiva – memória e gênese*. Araraquara, 1997. Tese (Livre-Docência) – Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista.
- POTTIER, B. *Lingüística geral – teoria e descrição*. Trad. de Walmírio Macedo. Rio de Janeiro: Presença/USU, 1978.
- TESNIÈRE, L. *Éléments de syntaxe structurale*. 2.ed. Paris: Klincksieck, 1959.
- VILELA, M. *Gramática de valências: teoria e aplicação*. Coimbra: Almedina, 1992.